

DF- Especialista viu Samambaia maquiada

Carolina Nogueira

Da equipe do **Correio**

No início de maio, a diretora executiva do Centro das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (Habitat), Anna Tibaijuka, esteve em Samambaia. Elogiou o que viu: “É um bom exemplo para o resto do mundo”. As declarações da funcionária da ONU, entretanto, referiam-se a uma pequena parte da cidade, especialmente preparada para recebê-la.

Tibaijuka visitou apenas uma das 100 quadras existentes em Samambaia, cidade com 157 mil habitantes e 106 km² de extensão. É verdade que quase todas as casas têm água encanada e

saneamento básico. Mas a urbanização e infra-estrutura mostrados à especialista estão longe de fazer parte da vida real de todos os moradores.

A área visitada por Tibaijuka é onde está a avenida principal da cidade, podada e enfeitada com 200 mudas de palmeiras. Dotada até de um calçadão para caminhadas, a região é, como até o próprio administrador regional admite, a parte boa da cidade. “Quem mora nessas quadras mora muito melhor do que o pessoal da expansão, por exemplo”, comenta o administrador Edson Xavier.

A expansão fica no final das quadras ímpares da cidade. Com um cenário bem diferente da

106, onde o governador Joaquim Roriz levou Tibaijuka, a região ganhou o apelido de *Rocinha*, como a favela carioca.

Lá, não há calçadão de caminhada nem calçada comum. Não há boca-de-lobo, nem asfalto, nem meio-fio. No lugar das palmeiras, há mato alto, que serve de abrigo para marginais. “Aqui, se você não quer o mato escondendo os ladrões, você é que tem de cuidar”, conta Lourdes Fonseca, de 48 anos, há 12 moradora da quadra 429 da Samambaia.

VIOLÊNCIA

A expansão até tem um posto policial, construído no governo passado, hoje de-

sativado e invadido por uma família. A Administração Regional sabe da invasão, mas explica que não há policiais para alocar no posto.

Osmar José Barbosa, 58 anos, mora na Rocinha desde a criação do bairro — há mais de 10 anos. Do portão de sua casa, que fica na 431, ele ouve as histórias de violência. “O pessoal que fica no ponto de ônibus morre de medo desse mato”, conta. “Já tive a casa invadida uma vez, mas a Administração não está nem aí”, reclama.

A Administração reconhece que a área precisa de roçagem, mas alega que não pode resolver. A cidade só conta com seis roçadeiras alugadas — um gasto

de R\$ 12 mil mensais —, o que é insuficiente para a demanda.

A violência não é privilégio da Expansão. A professora Lindinalva Aurelino de Oliveira, 34 anos, morta no feriado de 1º de maio, por exemplo, trabalhava na quadra 108, tida como nobre.

“Aqui é bom de se viver, mas violência é na cidade inteira”, lamenta a dona de casa Lígia Cerqueira, de 28 anos, que mora na quadra 110. Perguntada sobre as impressões que a especialista da ONU tirou de Samambaia, a dona-de-casa protesta. “Isso é pura maquiagem. Quem na entrada, pensa: ‘Como a Samambaia está bonita!’. Mas, se entrar aqui nas quadras para ver como está, será uma decepção”.